

## “CÁRCERE PÚBLICO”: OS ESTEREÓTIPOS COMO PRISÃO PARA OS BRASILEIROS NO PORTO, PORTUGAL<sup>1</sup>

*Igor José de Renó Machado<sup>2</sup>*

**Resumo:** O trabalho tem o objetivo de entender o papel dos estereótipos na vida de brasileiros no Porto. A principal idéia defendida é a de que os estereótipos sobre brasileiros vigentes em Portugal atuam como uma prisão para a ação e que, constantemente submetidos às representações comuns em Portugal, os imigrantes *brazucas* acabam por performar papéis preestabelecidos. Estes papéis são marcados pela venda do exótico, de uma imagem mercantilizada da suposta essência brasileira. Assim, imigrantes brasileiros especializam-se na venda da “alegria” no mercado de trabalho português: trabalham como garçons e garçonetes, músicos, atendentes, dançarinos e dançarinas, prostitutas e travestis, etc. As imagens de um Brasil mulato, sensual e alegre transformam-se em uma mercadoria como outra qualquer, mas é uma mercadoria que reifica ainda mais a substância de que é feita: os estereótipos. É neste sentido que estes são considerados prisões simbólicas.

**Unitermos:** Identidade, Estereótipos, Imigração brasileira, Pós-colonialismo

---

<sup>1</sup> Este artigo é uma versão muito modificada do texto “A invenção do Brasil exótico entre imigrantes brasileiros no Porto, Portugal.” Apresentado no GT Migrações Internacionais, XXIII Anpocs, Caxambu, 19 a 23 de outubro de 1999.

<sup>2</sup> Doutorando em Ciências Sociais, UNICAMP, Pesquisador do CEMI, Professor da Universidade Federal de Itajubá.

## INTRODUÇÃO

*‘E apareceram lá uns espertinhos portugueses e começaram na brincadeira com elas, o quê que elas estavam querendo fazer. E elas, na boa, falaram: ‘Estamos vendo se conseguimos ligar direto para o Brasil’. E eles: ‘Você vai ligar para o Brasil para quê?, lá só tem preto, lá só tem ladrão e tal...’. E elas: ‘Não tem problema, aqui só tem português!’.’*

Este trabalho tem o objetivo de entender o papel dos estereótipos na vida de brasileiros no Porto<sup>3</sup>. A principal idéia é a de que os estereótipos sobre brasileiros vigentes em Portugal atuam como uma prisão para a ação, e que constantemente submetidos às representações comuns em Portugal, os imigrantes *brazucas*<sup>4</sup> acabam por desempenhar papéis preestabelecidos. Por outro lado, os estereótipos que os brasileiros carregam consigo sobre os portugueses também têm importância central na forma como enfrentam a imigração. Procuo explicar este processo e algumas de suas conseqüências – em especial a “sensação de invasão” de brasileiros em Portugal, recorrendo principalmente às visões de *brazucas* no Porto e a artigos da imprensa portuguesa e brasileira. A fonte principal desse trabalho, entretanto, são entrevistas com imigrantes pobres e de classe média baixa<sup>5</sup>, durante trabalho de campo preliminar em fevereiro de 1998 e, posteriormente, entre março e setembro de 2000.

<sup>3</sup> Como parte de uma pesquisa mais abrangente, que resultará na minha tese de doutorado, este artigo aponta para várias temáticas que são exploradas com mais profundidade no desenvolvimento da tese. Portanto, pretendo aqui apresentar um quadro amplo de questões de forma a indicar a complexidade da situação e possibilidades de análise, sem a preocupação de ir a fundo nas suas conseqüências. Este trabalho faz parte do projeto “Imigrantes portugueses, imigrantes brasileiros: globalização, antigos imaginários e reconstruções de identidades – uma comparação triangular”, coordenado por Bela Feldman-Bianco e integrado à linha Nação e Diáspora do Centro de Estudos de Migrações Internacionais – CEMI/UNICAMP.

<sup>4</sup> Brazuca é a categoria em Portugal para os imigrantes brasileiros sem ascendência portuguesa. Dependendo do contexto e de quem fala, o termo pode ser desde uma forma de afirmação de identidade até expressão preconceituosa.

<sup>5</sup> Estes imigrantes são maioria, na minha opinião, embora a bibliografia sobre o tema ainda esteja presa a idéia de que a migração brasileira é, de alguma forma, qualificada. Sobre esta questão ver Machado (2001).

## OS ATORES

Primeiramente, a própria idéia “brasileiros” é movediça em Portugal, sendo preciso considerá-la com mais cuidado. Como demonstra Feldman-Bianco (2001), as auto-identificações de brasileiros e portugueses refletem ambigüidades inscritas em vários e complexos processos históricos, como o a imigração de portugueses para o Brasil, o tratado bilateral de igualdade de direitos, a retórica da irmandade luso-brasileira, entre outros. Quem são, hoje em dia, os brasileiros no Porto? A definição não é algo evidente em si. A fronteira é tênue e esbarra no grande número de luso-brasileiros, aqueles com dupla cidadania, filhos de imigrantes portugueses no Brasil, ou mesmo de portugueses que moraram muito tempo no Brasil. Esta é uma questão móvel e nessa categoria, que tem uma historicidade própria, cabem desde portugueses que passaram uma parte da vida no Brasil até os brasileiros sem descendência portuguesa que migraram para Portugal nos últimos anos. As localizações sociais e posicionamentos diversos devem ser verificados empiricamente e este artigo pretende analisar o que acontece no Porto, Portugal.

Para alguns, brasileiros são aqueles que não têm passaporte português, para outros são aqueles que falam como brasileiros, para outros ainda são os que adotaram o Brasil como pátria afetiva. Vejamos o que dizem a esse respeito alguns “brasileiros” entrevistados em fevereiro de 1998:

— “(...) mas o Renato é português, né? Embarcou com dois anos para lá [para o Brasil], mas é português. O outro era filho de portugueses, tá entendendo? Está há muitos anos aqui, já está há uns vinte e poucos anos aqui também, veio de lá do Brasil. É muito por aí”<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> Das citações de trechos de entrevistas foram subtraídos os nomes do entrevistados, por razões éticas. Os trechos são tirados das falas de 14 entrevistados, todos em situação econômica mais ou menos parecida: são imigrantes pobres ou de classe média baixa. As aspas separam os trechos onde a fala é seqüencial daqueles onde foi recortada.

Nesta fala, brasileiro é apenas quem nasceu no Brasil, não importa ter passado a vida toda no Rio de Janeiro. Mesmo os filhos de portugueses nascidos e criados no Brasil, para alguns, não são brasileiros *strictu sensu*. Por outro lado, outros imigrantes definem “brasileiro” de forma variada. Muitos dos luso-brasileiros, os *chapas-duplas*<sup>7</sup> (aqueles com dois passaportes), consideram-se brasileiros, dando ênfase especial ao sotaque: se se fala com o sotaque brasileiro é brasileiro, não importa onde tenha nascido. Na citação acima, ao contrário, não importa o sotaque, mas a territorialidade. Já os portugueses que viveram muito tempo no Brasil, os *portugueses-brasileiros*<sup>8</sup>, tendem a se definir como brasileiros por opção, por afeição. A situação pode se complicar, de acordo com a complexidade das redes de imigração<sup>9</sup>. Vejamos este exemplo:

“alguém fala assim: ‘Ah, vai falar com o Seu Antônio...’, são dois Antônio, o meu pai e o que não viveu no Brasil. ‘Qual Seu Antônio?’. ‘O brasileiro’. Não é o Seu Antônio Fernandes, ou o outro Seu Antônio que eu nem sei o nome. É o Seu Antônio...o brasileiro. Por quê? Porque ele já viveu no Brasil, tá entendendo. ‘O Fulano de Tal?’, ‘Ah, o francês’. ‘Ah, tem um dono do café ali que ele é brasileiro também...’, ‘É brasileiro porque ele nasceu...?’, ‘Não, não, mas morou muito tempo lá’.”

Estas questões são relevantes pois delimitam posicionamentos diferenciados em relação ao estar em Portugal. Podemos ver que complexas redes de migração portuguesa resultam na construção de várias possíveis

---

<sup>7</sup> Esta é uma categoria nativa, a ser usada daqui em diante para referir a este grupo.

<sup>8</sup> Esta é outra categoria nativa, que serve para referir aos portugueses emigrantes que retornaram para Portugal na segunda metade do século XX.

<sup>9</sup> Ainda há outras categorias, como a formada por pessoas envolvidas nas imigrações relacionadas às transformações políticas em Portugal: há os exilados portugueses no Brasil, muitos dos quais voltam a Portugal após a Revolução dos Cravos e há os que fugiram da Revolução e se refugiaram no Brasil, em geral empresários, que retornaram gradualmente a Portugal (Feldman-Bianco, 2001).

identidades. Os *chapas-duplas* nascidos no Brasil<sup>10</sup> consideram-se brasileiros em oposição aos *portugueses-brasileiros* dos quais são filhos. De qualquer forma, parece prevalecer em Portugal uma contradição entre práticas “não territorializadas” de políticas do Estado português (Portugal é onde estão os portugueses<sup>11</sup>) e as classificações cotidianas: na prática, aqueles que saíram são menos portugueses do que os que sempre viveram em Portugal. De qualquer forma, a territorialidade parece falar alto na forma de identificação das pessoas: o *português-brasileiro* que vive grande parte da vida no Brasil é considerado brasileiro por portugueses e por alguns “brasileiros nativos”. Se considerarmos o papel do “brasileiro” do século XIX, isto é, o português “*torna-viagens*” do Brasil descrito por Alves (1994)<sup>12</sup>, verificaremos uma continuidade na forma de classificação, pelo menos no Porto. Essa classificação territorial parece continuar relevante já que vários dos *portugueses-brasileiros* acabam montando negócios relacionados à passagem pelo Brasil: cafés brasileiros e restaurantes, por exemplo.

Os “brasileiros” do século XIX eram os emigrantes portugueses “*torna-viagens*”, duramente criticados e satirizados pela imprensa e literatura portuguesa da época. Para entender a imigração brasileira na contemporaneidade é importante levar em consideração estes *brasileiros de torna-viagens*. Alves (1994), que lhes dedicou uma tese de doutorado, assim os retrata: “(m)uitos emigrantes voltam episódica ou definitivamente. Este mais discreto, procurando fazer passar despercebido o seu infortúnio ou evidenciando a doença que lhe corroeu o corpo e o ânimo. Aquele marcado pelo sucesso, ‘com sutaque da fala, indumentado de calças brancas, casaco de ganga, chapéu do Chili, adereçado de cadeia de oiro e anel de brilhantes’,

---

<sup>10</sup> Especifico o fato destes *chapas-duplas* terem nascido no Brasil, porque atualmente começam a surgir os nascidos em Portugal. Neste artigo trato apenas dos primeiros, motivo pelo qual, adiante, quando referir aos “*chapas-duplas*”, trato dos nascidos no Brasil.

<sup>11</sup> Ver Feldman-Bianco (1992, 1994 e 1996) e Caetano da Silva e Mansur da Silva (neste volume).

<sup>12</sup> Quando grafar *brasileiros de torna-viagem* em itálico refiro-me aos emigrantes portugueses que voltaram a Portugal no século XIX.

num exotismo de modos que o romantismo fixará para sempre, recriando o estereótipo do brasileiro. Mas, sobretudo no sentido da volta, circularão mesadas, as invisíveis correntes, as esperadas remessas...” (1994, p.12). Este *brasileiro de torna-viagens* é o português que emigrou para o Brasil e retornou a Portugal no século XIX, mas é principalmente aquele que voltou rico, que já fornecia elementos para a criação do exotismo que caracterizaria o Brasil.

A presença do *brasileiro de torna-viagens* do fim do século XIX em Portugal produziu uma carga simbólica relevante, da qual não estão livres os *brasileiros*<sup>13</sup> que atualmente vivem em Portugal. O brasileiro como uma categoria só pode acontecer em relação a uma outra, anterior, a do torna-viagens. O *brasileiro* que hoje se encontra em Portugal não pode ser entendido sem a forte carga semântica que a história de imigração portuguesa para o Brasil criou. A esse *brasileiro de torna-viagens* relacionou-se a imagem de um Brasil que é lugar de fazer fortuna, ou um lugar de desgraça completa. O papel daquele emigrante que voltou rico e abastado e com influência na vida portuguesa, principalmente no norte, é bastante relevante e, como tal, alvo de críticas ferinas, sempre relacionadas à falta de educação e de refinamento intelectual. Os personagens literários de Camilo Castelo Branco, entre os de outros autores, são uma boa amostra dessas imagens, como demonstra Vieira (1991). Os estereótipos propagados em Portugal no final do XIX e começo do século XX fazem parte da presente percepção portuguesa sobre o Brasil e sobre o brasileiro. Essas representações fazem, atualmente, parte da experiência de *brasileiros*, mesmo que sirvam a outros interesses. Elas são retomadas a partir de um outro contexto histórico (o de Portugal contemporâneo), mas também são limitadas em certo sentido pelas representações preexistentes. Entre as representações já centenárias, fartura e ignorância são ainda duas idéias que são acionadas quando portugueses se confrontam, na vida cotidiana, com os *brasileiros*.

---

<sup>13</sup> Para me referir tanto aos *chapas-duplas* e *portugueses-brasileiros* como aos *braçucas*, uso a palavra *brasileiros* grafada em itálico.

## PAPÉIS E POSSÍVEIS ROTEIROS

Entre *brazucas* e portugueses em Portugal (que, por sua vez, são chamados por muitos dos primeiros de *galegos*) ocorre a projeção interminável de velhas idéias e estereótipos sobre o outro, além dos auto-estereótipos que *brazucas* formulam a respeito de si mesmos. Este jogo de imagens cruzadas é constantemente jogado no cotidiano. Obviamente, quando representações sobre os *brasileiros de torna-viagens* “rudes” ou então sobre o português “burro” no Brasil são retomadas, o são a partir dos novos contextos criados pela atual presença de *brasileiros* em Portugal.

As representações sobre portugueses têm uma longa tradição no Brasil e os trabalhos de Ribeiro (1997, 2000) tratam em detalhe esses processos. O interessante é perceber inversões significativas: da época da independência até depois da proclamação da república, o português era o espertalhão que tirava dos brasileiros o trabalho, mas no século XX forjou-se a imagem do português burro, motivo de piadas até hoje<sup>14</sup>. Do mesmo modo, as imagens do *brasileiro de torna-viagens* rude são reelaboradas a partir da experiência atual de imigração. Persiste a idéia da malandragem ligada a do *brasileiro de torna-viagens*, agora direcionada à percepção do Brasil como um celeiro de criminosos. O brasileiro é visto como um potencial ladrão, embusteiro e tal imagem é imposta aos *brasileiros*. Tal imagem é criada em torno da experiência de comerciantes portugueses no Porto, que tiveram muitos problemas com cheques sem fundo de *brasileiros* e através do retrato que a mídia portuguesa apresenta do Brasil, sempre marcado pelas tragédias e grandes escândalos (que são mais facilmente consumidos como notícia). É preciso reforçar que, em geral, essas imagens criaram-se (no passado e no presente) ao redor de conflitos no mercado de trabalho.

---

<sup>14</sup> Felipe Alencastro (1988) indica que essa imagem está ligada aos grande fluxos de imigração do século XX, que traziam um número enorme de imigrantes muito pobres. Para uma análise mais detalhada desta questão, ver Machado 2001.

Mesmo que esse núcleo de representações seja móvel e instável e constantemente reformulado, aos *brasileiros* são impostos papéis que devem ser representados/ desempenhados. Essas representações ou estereótipos<sup>15</sup>, analisadas por Feldman-Bianco (2001) são como correntes que prendem os imigrantes a determinados papéis. Ao mesmo tempo, *braçucas e chapas-duplas* tentam, sem sucesso, impor aos portugueses as representações que trazem do Brasil. Afinal, são os brasileiros os estrangeiros.

Nesse cenário português, articulam-se percepções sobre uma suposta “essência” do brasileiro. O *jeitinho* passa a ser algo real, capital cultural “encontrável”. Dentro do mercado de trabalho na cidade do Porto, a presença dos *braçucas* destaca-se no que é considerado “hotelaria”, que são os serviços de restaurantes, casas noturnas, bares e lojas de atendimento em geral. Os *braçucas* principalmente, mas também os *chapas-duplas*<sup>16</sup>, ganham espaço no atendimento, como garçons, atendentes, vendedores, etc. Isto se deve a uma confluência de motivos práticos e simbólicos: 1) há a alegação constante de falta de mão de obra, principalmente na área do turismo, que envolve o atendimento direto ao público<sup>17</sup>, 2) nessas profissões de atendimento o domínio da língua portuguesa é fundamental, o que, por enquanto, praticamente descarta os imigrantes do leste europeu, 3) o senso comum que informa aos portugueses que os brasileiros são alegres e simpáticos e, portanto, naturalmente preparados para trabalhar junto ao público, aliado ao preconceito em relação aos membros do PALOP<sup>18</sup> que, apesar de falarem português não são colocados nesses empregos. Para os africanos, o mercado de trabalho tende a se restringir a ocupações que envolvem força física e pouca visibilidade ao público.

---

<sup>15</sup> Adiante específico exatamente como considero os estereótipos.

<sup>16</sup> Os *portugueses-brasileiros* voltam já em idade avançada e, em geral, com capital suficiente para abrir algum negócio, que seguirá sendo limitado pelas amarras do estereótipo sobre o Brasil e, provavelmente, será um negócio envolvendo o contato com o público. Assim, o mais comum é abrirem cafés.

<sup>17</sup> Reflexões sobre a relação entre o mercado de trabalho, salário e políticas de estado português são desenvolvidas no trabalho em andamento. Ver Machado 2001.

<sup>18</sup> Países africanos de língua oficial portuguesa.

Os *brazucas* são aproveitados em função da necessidade do mercado de trabalho e da predisposição simbólica que os encaixa em determinada categoria. Mas além desses motivos há um quarto fator muito relevante: o próprio “avanço” cultural representado pelo surgimento de várias churras-carias no estilo brasileiro. Este negócio cultural é semelhante a várias dinâmicas do mundo contemporâneo, caracterizadas pela apresentação de técnicas e estilos culinários exóticos às populações nativas<sup>19</sup>. Restaurantes chineses por todos os lados, restaurantes árabes, gregos, mexicanos e agora também os brasileiros. Por trás de cada expansão desses negócios culturais, existem redes de imigração. Para o funcionamento de restaurantes brasileiros como churras-carias é preciso mão de obra especializada (churrasqueiros, cortadores de carne na mesa, etc.). Isso traz conseqüências, por um lado, na imigração especializada e, por outro, na especialização da força de trabalho existente nos locais onde se instalam os restaurantes. Ou seja, muitos *brazucas* tornam-se especialistas em churrasco no próprio lugar de imigração, no caso deste trabalho, o Porto.

Podemos notar como “idéias culturalizadas” produzem a legitimação e a efetividade de fenômenos como, por exemplo, a prostituição. Handler (1988) chama este processo de “mercantilização cultural”, enquanto Herzfeld (1997) prefere defini-lo como um tipo de “orientalismo prático”. Para este último o “orientalismo é mais relativo e negociável do que parece ser no caso da perspectiva textualista e descontextualizada de Said; e é essa propriedade que me levou a criar uma visão do orientalismo mais preocupada com a ação” (Herzfeld 1997, p. 96). Esta é uma modulação do que Said escreve no seu “Orientalismo” (1990), quando afirma que o Oriente se orientalizou através da leitura opressiva do “ocidente”.

Já Fox (1992, p.145-152) recorre ao “orientalismo afirmativo”, referindo-se à possibilidade deste servir de base a contestações políticas dos

---

<sup>19</sup> Sobre processos de mercantilização (ou comoditização) cultural, ver Herzfeld (1997) e Handler (1988).

próprios “orientais”. Autores que examinam a globalização de uma cultura negra, como Hall (1992), também atentam para a mercantilização cultural. Por outro lado, Sahlins (1997) tende a ver na reconstrução de cenários culturais na diáspora o valor da teoria cultural, pelo revivalismo ou continuidade da cultura nativa. Uma perspectiva saidiana (Said 1990) acabaria por ver na prática desses brasileiros uma apropriação de *tropos* impostos a partir de um contexto de força, de uma idéia de identidade que não existe, mas que foi inventada na relação de uma periferia em condições de poder diminutas com o centro – como no processo onde o oriente se orientaliza. Hall (1996), em outra perspectiva, poderia ver a “força” das culturas híbridas se reinventando na diáspora. Estas posturas diferenciadas, desde um ponto de vista da vitimização até o de uma vitalidade cultural resistente, demonstram que várias visões podem ser articuladas.

Em relação à prostituição, por exemplo, pode-se dizer que é porque a mulher brasileira é vista e *determinada* como alegre e sensual que são trazidas prostitutas brasileiras, muito úteis para a propaganda de boates portuguesas. Obviamente, este fator é influenciado pela diferença entre os mercados de trabalho, favorecendo o português, onde as prostitutas têm condições de ganhar melhor. Mas o fato é que esta representação simbólica da mulher brasileira cria no mercado português do sexo uma demanda por prostitutas da ex-colônia. Não é por menos que, na percepção da situação do *imigrante brasileiro*, a narrativa é marcada pelos problemas relacionados à prostituição, localizados dentro de um jogo de imagens que alimentam e se alimentam das representações contrárias. Essas imagens contrapõem idéias antigas, idéias novas trazidas por novelas e problemas da vida cotidiana, em geral relacionados com o mercado de trabalho. Esse universo simbólico repleto de representações recíprocas, um autêntico jogo de espelhos, ganha uma nova conotação na experiência de imigração brasileira em Portugal.

Para *brasileiros*, este universo simbólico se reconfigura através da retomada de um par antagonico que já foi usado para diferenciar brasileiros e portugueses, só que no Brasil: o contraste entre a alegria brasileira e a triste-

za portuguesa, o fado *versus* o samba, o trabalho *versus* o carnaval, etc. Em várias falas vemos a expressão desse antagonismo:

“Chega a ser até mórbido o negócio [do português], de pegar o jornal e ler obituários para saber quem morreu. E existe uma coisa institucionalizada, o sujeito quer viver a desgraça alheia para se sentir melhor.”

“—Aí o quê que acontece? Entrou brasileira, só para ganhar dinheiro para pagar o quartinho dela e para comer. Então, começa aquela ginga brasileira, e dá risada, leva o cara pelo braço...”

— As pessoas são fechadas aqui, são tristes, tristes, não sorriem. Aí o quê que aconteceu? Todo mundo começou a pedir empregada brasileira.”

A “alegria” brasileira virou uma necessidade no mercado português, transformando-se, por um lado, numa vantagem natural e, por outro, numa “prisão simbólica”. Entretanto, não se pode deixar de considerar que grande parte desses trabalhadores não são regularizados, custam menos e são mais facilmente explorados pelo empregador.

Na reflexão sobre qualquer experiência cotidiana uma enorme carga de representações simbólicas e estereótipos são articulados. Se muitos *brasileiros* ocupam determinada posição no mercado de trabalho, é porque eles são vistos como naturalmente melhores e mais simpáticos que os portugueses. Este entendimento *cria* realidades pois alguns empregadores portugueses, tomando tais pressupostos simbólicos, requisitam os serviços de *brazucas*, enquanto estes passam a exercer “profissionalmente” a simpatia. É nesse sentido que os estereótipos são “prisões simbólicas” que cerceiam a experiência dos *brasileiros*. Por outro lado, a submissão dos trabalhadores a regimes de trabalho ilegais ajuda a efetivação desses discursos. Não podemos esquecer que muitas vezes essas idéias são simplesmente desculpas, legitimando a presença de *brazucas* e escondendo a exploração explícita a que estão sujeitos no mercado de trabalho. A experiência de trabalho de *brasileiros* na sociedade portuguesa, mais especificamente no Porto, ativa

uma mistura de expectativas simbólicas, universos de significado, ideologia e super-exploração do trabalho.

Por outro lado, os *brasileiros* sentem claramente como a própria imagem é ligada aos estereótipos, na percepção que deles têm os portugueses. Vejamos:

“O cara já (tem) uma postura assim: ‘você está gozando [ganhando dinheiro] daqui e só tem isso?! Como é que você conseguiu isso?’ E aí fala que você fez trambique, o que não é verdade. Pode até ser, em alguns casos. Porque nós não somos imunes a isso, a dar trambique, é claro. Qualquer raça. Mas, como sempre, o brasileiro, em todo o mundo, sempre teve má fama, em qualquer lugar os brasileiros criaram isso. Em qualquer lugar, em Paris ou Nova Iorque é a mesma coisa. Então, quando você tem um sucesso mesmo, trabalhando como nós dois trabalhamos, sem trambique, os caras falam: Não, deve ter feito alguma coisa...”

O estereótipo sobre a malandragem é operante no cotidiano desses trabalhadores *brasileiros*. A relação entre Brasil e malandragem é evidente em vários trechos de entrevistas como esse acima, ou ainda estes:

“Não, mas [os portugueses] sempre acham que faturamos horrores e estamos explorando eles... Esse é o princípio.

Ainda partem do princípio errado, justamente pela má fama que a gente tem. Prejudica bastante os próprios brasileiros...”

“Agora, se você é brasileiro – e principalmente brasileiro – e começa a subir na vida, ou começa a conseguir bens materiais que mostrem uma certa posse... vão dizer que você é safado.”

A força dos estereótipos é muito intensa, entre *brasileiros* e portugueses, já que a quantidade de situações efetivas de “malandragens” não é (aparentemente) maior que entre outros imigrantes. A má fama relaciona-se com algo fora da ação cotidiana e da experiência: a potencialidade de uma história de representação da malandragem. É muito provável, inclusive, que

essa percepção reforce ao máximo as experiências negativas que efetivamente foram praticadas por *brasileiros*. É como no exemplo de Alex, personagem de Fernanda Torres no filme *Terra Estrangeira*, quando derruba os pratos por acidente num restaurante lisboeta onde trabalhava como garçone. Imediatamente, o dono português do bar reclama: “Mas esses brasileiros, ô pá, não servem para o trabalho mesmo”. Tudo se passa como se existisse um roteiro que informasse previamente a idéia do que devem ser os brasileiros, permitindo poucas improvisações. Assim, discursos racistas nascem no contraste da prática com essas representações, processo, aliás, que se estende à imagem que os *brazucas* (e até *chapas-duplas*) formulam de portugueses, informados por representações trazidas do Brasil e reformuladas em Portugal.

Para entender a atual efetividade desse encarceramento simbólico (articulado na construção ou re-significação de estereótipos) a partir de uma matriz brasileira, basta ver como exemplo o artigo de Gustavo Ioschpe, jornalista da Folha de São Paulo, no qual afirma que “O único contato que tive na vida com os portugueses foi por meio dos livros de história e, principalmente, de uma série infinita de piadas e ditos que exemplificam a suposta estupidez lusa em toda e qualquer área do (des)conhecimento humano. Chegando ao aeroporto [de Lisboa], a impressão começou a se confirmar...”<sup>20</sup>. O resto do artigo narra as experiências que comprovam os estereótipos. Esse tom racista é definitivamente influenciado pelas representações que, na prática, determinam o que vai ver o jornalista. Ele vai a Portugal para buscar a estupidez portuguesa e a encontra, pois estupidez há em qualquer lugar. Essa “verificação” é ressaltada como prova incontestável da veracidade dos estereótipos da burrice portuguesa.

Embora os estereótipos sejam cárceres para suas vítimas, são bastantes maleáveis para quem os impõe. Até aqui venho tomando estereótipo como sinônimo de representações simbólicas, mas não é mais possível

---

<sup>20</sup> Folha de São Paulo, 8/11/99, pág. 7/6.

manter tal associação. Os estereótipos são um tipo particular de representação simbólica, muito mais palpável e eficaz enquanto mensagem de hierarquização social. O estereótipo é uma forma de descrever o Outro, através de uma série de características generalizantes (em geral, depreciativas) que se lhe aplica. A eficácia do estereótipo – como forma de conhecimento que não conhece, mas que se justifica como um conhecimento empírico, como o orientalismo de Said (1990) – resulta na (e da) hierarquização do campo das alteridades, restando ao “estereotipado” um lugar inferior em relação ao “estereotipizador” (quando o estereótipo é um consenso na sociedade que abriga os diferentes grupos). Mas nada disso é novidade, o estereótipo nada mais é que aquela “essência” que vem sendo criticada pela antropologia desde que Ruth Benedict (1997) analisou o “caráter nacional” japonês. Mas, ao tomar o estereótipo (um falso conhecimento) primeiro como cultura e, num segundo momento, como cultura imóvel e invariável, a antropologia correu o risco de perdê-la como seu objeto, o que levou Sahlins a denunciar esse equívoco (Sahlins 1997).

Em Portugal, até a polêmica dos dentistas *brasucas* pode ser considerada a partir da dinâmica da representação da malandragem. O problema “dentistas brasileiros” (vistos como trambiqueiros) tem repercussão na experiência cotidiana de todos os brasileiros em Portugal e, como tal, não deixa de ser objeto de reflexões, análises e críticas. Durante muito tempo foi a partir da situação muito localizada desses profissionais que a migração brasileira foi vista como um todo.

Os demais brasileiros em Portugal acabaram percebendo que o problema dos dentistas influenciou a vida cotidiana de qualquer *brasileiro*, sem deixar de reconhecer que a ABOp (Associação Brasileira de Odontologia em Portugal) é uma entidade classista, que buscava primeiramente defender o interesse de seus associados e não dos brasileiros em geral. Mas a associação entre dentistas brasileiros e “trambique” estendeu-se à toda população brasileira em Portugal enquanto durou a querela dos dentistas (entre 1991 e 2000), devido a reportagens de jornais que davam destaque ao caso de fal-

dos dentistas brasileiros, à pressão da entidade de defesa dos médicos-dentistas portugueses (que até fez declarações explícitas à mídia de que os dentistas brasileiros eram um perigo à saúde pública, por transmitirem AIDS aos pacientes). Criou-se, na década de 90, um clima anti-brasileiro que ressaltava a malandragem e a má-fé dos novos imigrantes. Prostitutas e dentistas foram, e continuam sendo, submetidos a uma carga simbólica bem evidente, que relaciona Brasil a sexo e malandragem.

Como o caso dos dentistas e das prostitutas, a IURD (Igreja Universal do Reino de Deus) contribuiu para a imagem que é reconstruída pelos portugueses acerca dos brasileiros. Sendo vista como uma nova “coisa” que vem do Brasil, a IURD foi associada a estereótipos sobre brasileiros, simultaneamente reforçando algumas crenças e criando novas visões. A imagem da IURD também é associada à malandragem, corrupção e ganho fácil. Ao mesmo tempo, novas idéias são formuladas, pois o Brasil também passa a ser visto como produtor de religiões, como mais um passo da invasão cultural brasileira. Se o par sexo/malandragem é uma das maneiras através das quais brasileiro é visto, podemos pensar também no par novelas/IURD, com as novelas promovendo formas diferentes de tratar a sexualidade e a IURD significando, para muitos, “trambique”. De qualquer forma, ambas são enquadradas nos estereótipos correntes em Portugal sobre o Brasil.

A IURD desenvolveu, entre 1990 e 1995, uma campanha agressiva de aquisição de espaços públicos importantes da cidade do Porto, para transformá-los em igrejas. A sua rápida expansão em Portugal possibilitou (como em vários outros lugares) a compra de inúmeras emissoras de rádio, jornais e espaços para cultos. Uma das investidas teve como alvo o *Coliseu*, um importante teatro da história da cidade que estava em relativo abandono. Ao anunciar a compra do *Coliseu* em meados de 1995, jornais portugueses desencadearam uma campanha de repúdio à investida da IURD como se a igreja estivesse destruindo uma parte da memória coletiva da cidade. A privatização “religiosa” de um espaço público seria um afronta e uma descaracterização da cidade e, portanto, de Portugal. Essa campanha dos jornais

teve intensa participação da sociedade civil, com passeatas e protestos das mais variadas naturezas. O processo culminou com o espancamento de uma equipe de reportagem brasileira que vinha cobrir um desses protestos.

Estas guerras campais ganharam grande relevância se imaginarmos que os ataques são dirigidos a essa massa de significados complexos e não apenas a uma instituição qualquer: se a imagem da IURD não estivesse relacionada à imagem do Brasil e seus estereótipos, provavelmente os protestos não teriam acontecido da forma como aconteceram. Fica claro a importância que esses fenômenos têm para os *brasileiros* em Portugal, principalmente aqueles que vivem no Porto, onde aconteceram tais fatos.

Nestes fenômenos – prostituição, dentistas, IURD e as novelas – podemos estabelecer parâmetros com o par sexo/malandragem. A imagem sensualista a qual o Brasil é submetido é estendida às novelas e às prostitutas, enquanto a malandragem, o jeitinho é estendido aos dentistas e à IURD. As prostitutas são, entretanto, vistas pelos dois ângulos, contendo os dois pólos representativos na forma mais pejorativa e, talvez por isso, são sempre consideradas como o principal problema da imagem do Brasil em Portugal. Outra “categoria” que engloba os dois pólos (sexo e malandragem), de forma menos pejorativa, são os jogadores de futebol. Estes são vistos como talentosos e também sensuais, são temidos e admirados e em torno deles se constrói uma gama enorme de imagens, sempre mediadas pelos estereótipos sobre o Brasil mestiço<sup>21</sup>. Em termos numericamente significativos, estes reproduzem, na sua maioria, os estereótipos que lhes são impostos. Englobam, como as prostitutas, o sexo e a malandragem. Jogadores de futebol e prostitutas podem ser vistos como o par estrutural a partir do qual são representados os brasileiros. Não é por acaso que a piada corrente de que no Brasil só há prostitutas e jogadores de futebol é tão freqüentemente ouvida em Portugal.

Mas se estas representações são impostas, não se pode deixar de dizer que muitas das referências destas imagens são aquelas com as quais se re-

---

<sup>21</sup> Esta imagem foi especialmente reforçada pela adoção do lusotropicalismo como ideologia de Estado (Castelo 1998) do regime salazarista, a partir de 1951.

presenta oficialmente o Brasil<sup>22</sup>. O discurso nacional brasileiro inclui muitos dos estereótipos que são reforçados em Portugal. A ideia predominante de um país mestiço é fundamental e a “ideologia da miscigenação”<sup>23</sup> serve, hoje em dia, como base para a construção de estereótipos negativos e também como base de políticas culturais das quais *brasileiros* (e portugueses) em Portugal se apropriam de formas diferenciadas. No entanto, vale afirmar que essa “visão” permanece como *essência* da brasilidade, seja negativa ou positivamente. A identificação possível entre os *brasileiros* no Porto é essencializada, propalada pela mídia, uma identidade vazia<sup>24</sup> que, ao mesmo tempo é mercantilizada na prática, nas formas de sustento econômico às quais os imigrantes se adaptam, submetidos às prisões do estereótipo. Se é preciso ser alegre, se o gaúcho tem que sambar e o baiano fazer churrasco, se qualquer refeição brasileira tem que ter uma feijoada, então passam a existir brasileiros conforme essas prescrições culturais estereotipadas. Ao mesmo tempo, a experiência cultural de cada um não evapora. As diferenças são sempre lembradas e as pessoas acabam sempre se identificando em última instância através de identidade regionais. As palavras de um dos entrevistados resume bem este processo:

“O que eu tenho a ver com um maranhense? Eu nunca fui ao Maranhão, eu não conheço nada do nordeste. Eu nasci no Rio, no interior, conheço bem o sudeste e o sul, onde joguei mais, o resto não me diz nada. Não como carne seca, não danço forró.”

---

<sup>22</sup> A questão de onde essas representações são produzidas é uma outra tarefa. Para os interesses deste texto, basta dizer que muitos dos estereótipos fazem parte das narrativas de nação do Estado brasileiro, vendidas, por exemplo, através de agências especializadas em promover o turismo brasileiro no exterior. Mas é evidente que há uma negociação com as representações sobre o Brasil correntes em Portugal. Toda a reconstrução do pensamento imperial articulada na atual lusofonia portuguesa é carregada de representações sobre o Brasil. Sobre lusofonia ver Santos (1996) e Margarido (2000), sobre lusotropicalismo, ver Castelo (1998), Bender (1980), Moutinho (2000) e Boxer (1967).

<sup>23</sup> Conferir, entre outros, Porto Alegre (1998), Schwarcz (1998), Mello e Souza (1998). Sobre a mestiçagem como branqueamento, ver DaMatta (1987), Gillian (1997), Hasenbalg (1991), entre outros.

<sup>24</sup> Para uma discussão sobre esta “identidade vazia” como identidade-pastiche, ver Machado 2001.

## REPRESENTAÇÕES MULTIFACETADAS DA TRAMA PRINCIPAL

Após a delimitação da operacionalidade de alguns estereótipos, torna-se necessário verificar como os *brazucas* representam esses “enredos culturais” e como confrontam seus preconceitos em relação aos portugueses na sua vida cotidiana em Portugal. Com esse intuito, examinarei algumas questões que resultam do choque entre história de representação cultural, processos de essencialização e desenvolvimento de identidades na diáspora.

Na sua vida cotidiana no Porto, os *brazucas* descobrem que as idéias e preconceitos sobre os portugueses que carregavam desde o Brasil não condizem com a realidade. Na verdade, os estereótipos formulados por brasileiros sobre os portugueses são reelaborados pois tendem a constatar, com certa surpresa, que portugueses nada têm de ignorantes. O resultado deste processo é que visões opostas são elaboradas: de terra de burros, onde o *brazuca* esperto seria rei, Portugal passa à terra da falcatrua onde ele é enganado. Assistimos a uma mudança significativa na representação dos portugueses, como percebemos na citação abaixo:

“Resolvi vir para cá, vi uma oportunidade aqui de chegar...tipo, em terra de cego quem tem um olho é rei, mas nunca pensei que houvesse tanta armação, tanta hipocrisia e tanta falcatrua.”

“É capaz de você imaginar, vamos supor, que você está sentado e um português vai querer lhe assaltar, então é assim: ‘Olha, desculpa, posso lhe assaltar, dá para você me dar o seu dinheiro que eu estou precisando de dinheiro? Posso lhe assaltar?’. Mas não! São espertos para caramba, porque fazem tudo pela caladinha...você é mineiro, e tem acreditado que come pelas beiradinhas, come quieto, não faz nada, e os caras...quando vai ver já está todo mundo lhe enganando”

“Você não pode cobrar ninguém, ninguém gosta de ser cobrado aqui. Por exemplo, compram a crédito e não querem ser cobrados, eles querem pagar quando acham que querem pagar. Então a gente sente uma diferença muito grande porque há uma idéia muito diferente em termos de honestidade, de integridade...”

“É uma desigualdade enorme, não há uma honestidade, vamos dizer assim. No Brasil também não há, mas eu acho que aqui ainda é bem pior.”

Nesta série de diálogos as imagens sobre o português são sempre contrastadas com uma imagem anterior, trazida do Brasil. A nova experiência demonstra que esses estereótipos são falsos, pois não há a “terra de cegos”, mas não deixam de ser operantes para muitos *brazucas* e *chapas-duplas*, mesmo que a burrice se transforme em “inatividade”, “esperteza” e “exploração”. A imagem resultante continua negativa, acentuando a desonestidade e o trambique, imagens que, curiosamente, são atribuídas aos brasileiros por portugueses. Os *brazucas* não se livram de seus estereótipos, mas passam a requalificá-los a partir da discriminação a que estão sujeitos, a partir dos desencontros no mercado de trabalho. E, eventualmente, a idéia da burrice é retomada como uma forma de vingança cultural.

Os estereótipos são uma forma de não-conhecimento utilizada também como defesa. A transformação das características que qualificam os portugueses para os *brasileiros imigrantes* atua sempre no sentido de aumentar a negatividade do estereótipo anterior. Se o *galego* “burro” era ingênuo, o novo espertalhão explorador é, por um lado, mais odiável e, por outro, serve como justificativa para a falta de sucesso financeiro que tantos imigrantes imaginavam colher rapidamente. Tanto são uma forma de não-conhecimento e instrumentos de subordinação ou defesa, que os estereótipos sobre os portugueses passaram por várias inversões. Como afirmei no princípio do artigo, ao final do século XIX, o português imigrante no Brasil era visto como espertalhão e não como burro, era dono do “espaço da alegria” (bares, botequins, etc.) e às mulheres portuguesas era associada a pecha de prostitutas (cf. Ribeiro 2000, Machado 2001, Alencastro 1988 e Rowland 2000). Só no começo do século XX é que a imagem muda. Novamente, desde o final da década de 80, as imagens se transformaram e o português descrito por um *brazuca* hoje em dia retoma antigas conotações.

Esses processos são sempre mediados pelo fundamental contraste da língua e dos sotaques. O artigo de Ioschpe citado anteriormente não foge à regra: “até as palavras mais informais – ‘pá’, ‘gajo’ etc. – são cômicas”<sup>25</sup>. Imediatamente ligada aos estereótipos dos brasileiros está a percepção das diferenças lingüísticas. A língua brasileira é vista como uma outra língua e é significativa em cada momento da vida cotidiana, pois permite identificar os brasileiros e impede a diluição entre os portugueses. Qualquer *imigrante brasileiro* é identificado pelo sotaque, basta começar a falar. Assim, é natural que as diferenças na fala marquem muito a memória. Vejamos essas falas:

“Chego lá e o cara chega para mim, vira, começa aquela conversa mole de dizer que o brasileiro tem um linguajar diferente, fala muita gíria, que não ia ter uma clientela, assim, com um atendimento, que o brasileiro não sabia nem falar nem escrever.”

Outras passagens indicam como vários nichos do mercado de trabalho são menos receptivos às pessoas que falam o “brasileiro”, ou seja, o português falado no Brasil. Quando o *brasileiro fala* fica evidente que não é português e imediatamente a carga simbólica relacionada com o brasileiro é ativada. Fora do mercado da “hotelaria”, essa associação é geralmente depreciativa, acentuando a preguiça e a falta de seriedade. Mesmo que o sotaque brasileiro tenha um apelo comercial, como nas novelas, é unânime a constatação de que na vida real a coisa é diferente. O sotaque das pessoas na vida comum, fora da TV, é visto como mais um sinal de uma “invasão brasileira”.

Contudo, há uma grande incidência de casamento entre brasileiros e portuguesas, como também entre brasileiras e portugueses. Esses casamentos revelam algo sobre a adaptabilidade desses brasileiros e do lugar que podem ocupar dentro da sociedade portuguesa. O fato de aparentemente casarem-se com mais facilidade com “nativos portugueses” do que imi-

---

<sup>25</sup>Folha de São Paulo, 8/11/99, p.7/6.

grantes africanos revela um lugar simbólico privilegiado. Não é de mal tom casar com brasileiros homens, ao passo que casar com brasileiras parece ser mais complicado, justamente por causa dessa carga simbólica erotizada que envolve mulheres com sotaque brasileiro. Dentro de uma hierarquia da alteridade portuguesa<sup>26</sup>, os brasileiros estão melhor situados que africanos, e os brasileiros homens melhor que as mulheres.

O que chamo de “hierarquias das alteridades” é uma forma de escalonar em termos valorativos as diferentes populações que se encontram dentro de Portugal. Defendo a idéia de que a atual hierarquia que qualifica as populações imigrantes em Portugal, e na qual os brasileiros têm um lugar privilegiado, é fruto das hierarquias coloniais portuguesas, tão bem expostas nas grandes feiras coloniais do começo do século XIX, analisadas por Thomaz (1996). Defendo ainda a idéia de que a lusofonia é a forma atual renovada daquele mesmo pensamento colonial, que propaga vigorosamente a idéia da língua como pátria apenas para recriar as mesmas distinções valorativas entre as populações das ex-colônias. Ou seja, a lusofonia é um discurso de recriação de uma centralidade imperial sem o império, uma forma de re-subalternizar as populações que já foram subalternas, inclusive a brasileira.

Vejamos algumas falas:

“Estou casado com uma portuguesa.”

“O cara que vem com família ou constitui família, o que acontece? Os filhos começam a se adaptar muito aqui, começam a criar seu quadro de opções...”

“As pessoas, às vezes, não optam por ir [*de volta ao Brasil*] de vez por que não estão satisfeitas, mas muitas vão ficando. Vão ficando por razões diversas, por exemplo o meu caso, eu tenho dois filhos que estão envolvidos com mulheres portuguesas. Então torna-se um pouco difícil...”

---

<sup>26</sup>Em outro trabalho (Machado 2001), relaciono esta “hierarquia da alteridade” às hierarquias raciais do império português, construídas desde o final do século XIX.

Estas e outras várias passagens parecem comprovar como brasileiros ocupam de antemão um lugar na hierarquia de alteridades em Portugal. Este lugar é mais privilegiado que o dos demais, possibilitando uma melhor integração com os portugueses que os demais imigrantes. Mas é preciso lembrar que este lugar privilegiado é sempre um lugar subalterno, como atores que legitimam as construções ideológicas da uma certa elite portuguesa.

## REAÇÕES NA PLATÉIA

Em 1987, Paula Guedes, uma atriz portuguesa, num artigo no *Jornal do Brasil*, referia-se à decadência do prestígio do brasileiro em Portugal, evidenciada pela suspeita de uma invasão de imigrantes do gigante adormecido. Tanto suas falas como as de outros jornalistas são reveladoras de uma crescente insatisfação de portugueses em relação aos *brasileiros* e tudo indica que a sensação de invasão ocupa várias dimensões da vida em Portugal desde o final da década de 80. São vistos como sinais dessa invasão a presença esmagadora da mídia e das novelas brasileiras – já chamada de “imperialismo cultural” por um jornalista português –, a luta no mercado de trabalho de classes profissionais como a dos dentistas brasileiros, as redes ilegais de prostituição de brasileiras e até a ascensão da IURD (Igreja Universal do Reino de Deus).

Diz-nos Paula Guedes:

“Estou morando há um ano no Brasil e não sei o que aconteceu de um ano para cá, mas por várias vezes fui abordada por portugueses, inclusive intelectuais, que cortavam qualquer conversa sobre brasileiros. ‘Eu não suporto mais ouvir, falar e ver brasileiros’, diziam. É um preconceito, mas é sintomático que o sucesso que os brasileiros desfrutavam em Portugal tenha decaído tanto e pode chegar a ser um pesadelo para quem deseja ver o país como um paraíso a beira-mar plantado. A verdade é que a imagem do brasileiro está sofrendo um corrosivo desgaste. No século passado, era comum nas peças de teatro e nos romances

naturalistas a presença de um personagem caracterizado como o brasileiro, isto é, o português aldeão que vinha para o Brasil, fazia fortuna e retornava para esbanjar e arrotar entre lautos almoços. Era uma imagem caricaturizada, que exibia mais o rancor de uma elite e dos que tinham ficado no país. Foi Eça de Queirós quem chamou a atenção para o excesso de caricatura com que se pintavam esses personagens. O brasileiro de agora é brasileiro mesmo e pode sofrer a mesma demolição que, outrora, os escritores fizeram de seus patrícios.”<sup>27</sup>

A tensão aludida nessa passagem, somente aumentou nos anos seguintes, atingindo seu ápice no polêmico caso dos dentistas brasileiros em meados da década de 90. Atualmente, para os brasileiros, há sinais de uma ressaca dessas imagens conflituosas, sem que os problemas tenham sido resolvidos. Nas palavras de um imigrante brasileiro:

“— Mas mudou a mentalidade. [Antes] o brasileiro era Deus. O brasileiro era Deus, tá entendendo? Era fantástico, ele era tratado aqui como rei. Entendeu?”

Essa mudança deve-se aos processos que destronaram o brasileiro dessa posição privilegiada e colocaram-no noutra, delicada e, em alguns casos, discriminada. Norma Curi, em outra reportagem do *Jornal do Brasil*, de 31/07/1988, indicava já pelo título a situação de brasileiros em Portugal: “Portugal, inferno dos brasileiros”. A reportagem indica os principais temas que foram discutidos ao longo desse trabalho: novelas, dentistas e preconceito.

A importância da impressão de invasão generalizada é fundamental na experiência atual desses brasileiros no Porto. O sucesso da telenovela, literalmente onipresente na televisão portuguesa, apenas complica a situação dos brasileiros. Como afirma Daniel Piza, em reportagem para a *Folha de São Paulo*<sup>28</sup>, “Se, na realidade, portugueses e brasileiros estão meio às turras,

---

<sup>27</sup> Paula Guedes, *Jornal do Brasil*, 22/11/1987.

<sup>28</sup> *Folha de São Paulo*, 09/02/1993.

na principal máquina dos sonhos – a televisão – tudo continua tão cor-de-rosa quanto um comercial de refrigerantes”. Ou seja, o papel da novela e a situação dos imigrantes têm que ser diferenciados. É possível que os atores brasileiros sejam estrelas em Portugal e, ao mesmo tempo, as novelas com altíssima audiência sejam usadas para reforçar estereótipos pouco louváveis, como a idéia de que no Brasil a licenciosidade sexual seja regra, implicando uma espécie de vale-tudo nas relações pessoais. Uma reportagem do jornal português *Expresso*<sup>29</sup>, intitulada “A ‘invasão’ brasileira”, chamava a atenção para o perigo da condescendência do governo português em relação à migração brasileira:

“Em primeiro lugar, há um aspecto essencial: o da dimensão. Portugal tem 10 milhões de habitantes e o Brasil mais de 150 milhões. Sendo certo que somos devedores de uma dívida incensurável às Terras de Vera Cruz – desde o ouro passado às telenovelas do presente, passando pelo excelente acolhimento a centenas de milhares de emigrantes (também eles construtores do Brasil) e a muitos refugiados políticos –, é do mesmo modo incontestável que não possuímos território, riquezas materiais, potencial económico ou défice demográfico que nos permita, agora ou alguma vez no futuro, pagar na mesma moeda. O estado português necessita assim de criar mecanismos que o possam proteger de uma avalanche migratória, tanto mais previsível quanto estão à vista os sinais de desagregação da economia e tecido social brasileiros [...]”

Na lógica do artigo, embora o Brasil seja, em várias dimensões, credor de Portugal, este não pode ceder à tentação de pagar. Os argumentos listados para acentuar a dívida portuguesa são os mesmos que brasileiros usarão para exigir direitos em Portugal. O editorial enfatiza também questões importantes para a vida desses *brasileiros*: os compromissos de Portugal com a Comunidade Européia e seus tratados de controle de migração, mar-

---

<sup>29</sup> *Expresso*, 06/07/1993.

cando mais ainda essa “virada europeia” da política externa portuguesa<sup>30</sup>. O editorial também retoma a questão da irmandade luso-brasileira<sup>31</sup> *versus* a virada europeia portuguesa, a dívida portuguesa em relação ao tratamento que o Estado brasileiro dispensou a cidadãos portugueses em vários momentos da história, a importância da novela brasileira em Portugal e as redes ilegais de migração de brasileiros (onde se pode ler prostitutas e travestis).

## COMENTÁRIOS FINAIS

Vimos que para brasileiros e portugueses, a experiência cotidiana é mediada pela eficácia das construções estereotipadas. Várias dimensões são articuladas: os estereótipos sobre o “português”, sobre o jeito brasileiro, a tremenda influência dos posicionamentos dos dentistas, o problema da prostituição, das novelas e da IURD. Assim, foi se configurando a idéia de “invasão brasileira”. Mesmo a atual necessidade de mão-de-obra imigrante não diminui esta impressão, pois ela não tem apenas relação com a presença física de *brasileiros*, mas com a influência da mídia e cultura brasileiras. Esse conjunto de imagens e interpretações fundem-se instavelmente e constituem a atual imagem do Brasil, fruto de uma tensa relação entre esses vários significantes. Algo não definitivo e em constante transformação.

Vimos nessas reflexões iniciais sobre a dinâmica da vida de brasileiros em Portugal que a experiência no mercado de trabalho (a venda da alegria), entre outras variáveis, acaba por reforçar estereótipos. A experiência desses *brasileiros* é influenciada por várias construções simbólicas preexistentes: aquelas de exotismo, construídas ao longo de séculos; as veiculadas pela mídia televisiva brasileira, portadora de novas fontes de estereótipos; e aquelas relacionadas ao lugar preexistente na hierarquia das alteridades portuguesa, construída na longa história de colonização. Novos fatores como a luta dos den-

---

<sup>30</sup> Ver Feldman-Bianco (1992, 1994, 1996) e Santos (1996) para uma análise de tais questões.

<sup>31</sup> Ver Caetano da Silva (neste volume).

tistas, os jogadores de futebol, a presença das prostitutas brasileiras e o sucesso da IURD são inseridos nessas lógicas simbólicas preexistentes, ao mesmo tempo em que criam novas imagens sobre os brasileiros.

Importante é perceber que esse universo simbólico português, no qual o *brasileiro* está inserido, é contrastado àquele trazido do Brasil. Uma série de imagens sobre os portugueses, em geral preconceituosas, são redirecionadas e reinterpretadas na situação de confronto encontrada pelos imigrantes. Mesmo que se casem com portuguesas(es), persiste um racismo contrário, em geral estimulado pela disputa no mercado de trabalho. Grandes fluxos simbólicos são postos em contato, agitados, transformados e solidificados nesse encon(fron)t(r)o de *brasileiros* e portugueses no Porto.

Nesse contexto, os “estrangeiros” *brasileiros* deparam-se com um grande número de representações sobre Brasil e brasileiros. Essas representações assemelham-se a roteiros de um filme, a sugestões de como construir personagens de gosto público. De fato, tudo funciona como se esses novos atores executassem papéis em novos filmes inspirados por grandes clássicos do passado, clássicos que duram e são reelaborados por séculos. Os estereótipos são esses roteiros-prisão imaginários, aos quais os *brasileiros*, as vezes, rendem-se, outras estimulam, e outras, ainda, recusam. Por isso as representações são múltiplas e facetadas. Acrescente-se a este cenário que os novos atores vêm carregados de representações sobre sua nova platéia e suas atuações dialogam com tais pressupostos, em geral tão fantasiosos quanto os roteiros involuntários a que estão sujeitos. Também a reação da platéia portuguesa não é a de mera espectadora, diga-se, pois transforma um roteiro antigo num fenômeno de críticas (em geral negativas).

Essa é a explicação para a escolha da estrutura do texto que, imagino, ilumina bem a grande questão subjacente a todos os fenômenos aqui aludidos: como o que permanece nesse roteiro é a antiga hierarquia do império português<sup>32</sup>, a recolocação no presente de antigas ordens, nas quais uma

---

<sup>32</sup> Ver Thomaz 1994 e Alencastro 2000.

hierarquia da alteridade é reafirmada na nova face de um Portugal país de imigração. Esta ordem delimita um lugar relativamente privilegiado aos *brasileiros*, em relação aos demais imigrantes, como os dos PALOP, e desprivilegiada em relação aos próprios portugueses, como as reações à presença física e cultural brasileira indicam.

**ABSTRACT:** The paper main objective is to understand the stereotype role in Brazilians immigrants' life at Porto, Portugal. These stereotypes are seen as prisons to Brazilians agency and these immigrants end up performing preexistent roles. The selling of the exotic and of an image of Brazilian essence characterize these roles. Brazilians have specialized in selling happiness at Portuguese work market as attendants, musicians, dancers, prostitutes, travesties, etc. The essencialized images of a mestizo, sensual and happy country have become commodities, however commodities that reifies even more its substance: the stereotypes.

**KEYWORDS:** Identity, Stereotypes, Brazilian migration, Post-colonialism.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCASTRO, Luís Felipe de. *O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- ALENCASTRO, Luiz Felipe. Escravos e proletários. In: *Novos Estudos Cebrap* n° 21, julho de 1988, p. 30-57.
- ALVES, Jorge Fernandes. *Os brasileiros. Emigração e retorno no Porto oitocentista*. Porto: Edição do Autor, 1994.
- BENDER, Gerald J. *Angola sob domínio português, mito e realidade*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1980.
- BENEDICT, Ruth. *O crisântemo e a espada*. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- BOXER, C. R. *Relações raciais no império colonial português 1415-1825*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967, 163p.
- CAETANO DA SILVA, Eduardo. “Disputas políticas e (re)construções identitárias dos portugueses de São Paulo no contexto dos ‘500 anos de descobrimento do Brasil’ ”, mimeo, 1999.

- CASTELO, Cláudia. *O modo português de estar no mundo. O luso-tropicalismo e a ideologia colonial portuguesa (1933-1 961)*. Porto: Edições Afrontamento, 1998. 166p.
- DAMATTA, Roberto. Digressão: a fábula das três raças. In: *Relativizando: Uma introdução à antropologia social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.
- DUMONT, L. *O Individualismo - uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.
- FELDMAN-BIANCO, Bela. Imigrantes portugueses, imigrantes brasileiros. Globalização, antigos imaginários e (re) construções de identidade (uma comparação triangular). In: Projeto integrado: identidades: reconfigurações de cultura e política. Estudos de migrações transnacionais de população, signos e capitais. Enviado ao Pronex. Campinas: Unicamp, 1996.
- FELDMAN-BIANCO, Bela. Brazilians in portugal, portuguese in brazil: constructions of sameness and difference. In: *Identities*, 2001.
- FELDMAN-BIANCO, Bela. The state, saudade and the dialectics of deterritorialization and reterritorialization. Paper Wenner-Green Foundation for Anthropological Research: Mijas, 1994.
- FELDMAN-BIANCO, Multiple Layers of Time and Space: the Construction of Class, Ethnicity, and Nationalism among Portuguese Immigrants. In: GLICK SHILLER, BASCH, L., BLANC-SZANTON (org.) *Towards a transnational perspective on migration: race, class, ethnicity, and nationalism reconsidered*. New York: Annals of the New York academy of Sciences, 645, 1992.
- FOX, Richard. East of Said. In: SPRINKER, Michael. *Edward Said, a critical reader*. Cambridge: Blackwell, 1992.
- GILLIAN, Angela. Globalização, identidade e os ataques à igualdade nos Estados Unidos: esboço de uma perspectiva para o Brasil. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 48, junho de 1997, p. 67-103.
- HALL, Stuart. Identidade cultural na diáspora. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. n° 24, 1996.
- HALL, Stuart. What is this "Black" in black popular culture?. In: DENT, Gina (ed.). *Black popular culture*, Seattle: Bay Press, 1992.

- HANDLER, Richard. *Nationalism and the politics of culture in Quebec*. Madison: University of Wisconsin Press, 1988.
- HASENBALG, Carlos A.. Discursos sobre raça: pequena crônica de 1988. *Estudos Afro-Asiáticos* (20), jun. 1991, p.187-195.
- HERZFELD, Michael. *Cultural intimacy: social poetics in the Nation-State*. Londres/Nova York: Routledge, 1997.
- MACHADO, Igor José de Renó. *Estereótipos e representações cruzadas: brasileiros no Porto, Portugal*. Exame de Qualificação para Tese de Doutorado. Campinas: Unicamp, 2001.
- MANSUR DA SILVA, Douglas. *A Ética da Resistência: os exilados antisalazaristas do “Portugal Democrático” (1956/1975)*, dissertação de mestrado em Antropologia Social, departamento de Antropologia, Unicamp, 2000.
- MANSUR DA SILVA, Douglas. *Memórias e itinerários de Pereira: narrativas contextuais de um imigrante português antisalazarista e anticolonialista*. (Monografia de fim de curso) Campinas: Unicamp, 1998.
- MARGARIDO, Alfredo. *A lusofonia e os lusófonos. Novos mitos portugueses*. Lisboa: Edições Universitárias lusófonas, 2000.
- MELLO e SOUZA, Laura. América diabólica. In: *Revista de Cultura Brasileira*, 1998.
- MOUTINHO, Mário. *O indígena no pensamento colonial português*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 2000. 262 p.
- PORTO ALEGRE, M. S.. Reflexões sobre iconografia etnográfica: por uma hermenêutica visual. In: FELDMAN-BIANCO & LEITE, Míriam (orgs.). *Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais*. Campinas: Papirus, 1998.
- RIBEIRO, Gladys Sabina. A guerra dos portugueses no Rio de Janeiro no final do século XIX. In: *Oceanos*, nº 44, out./dez. 2000.
- RIBEIRO, Gladys Sabina. *A liberdade em construção: identidade nacional e conflitos antilusitanos no primeiro reinado*. (Tese de doutorado). Campinas: Unicamp, 1997.
- ROWLAND, Robert. Portugueses no Brasil independente: processos e representações. In: *Oceanos*, nº 44, out./dez. 2000.

- SAHLINS, Marshall. O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção (parte I). *Mana* 3(1), 1997, p.41-73.
- SAID, Edward. *Orientalismo*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.
- SANTOS, Gustavo. *Sabiá em Portugal: a imaginação da nação na diáspora*. (Monografia de fim de curso). Campinas: Unicamp, 1996.
- SCHWARCZ, Lilia. Complexo de Zé Carioca – sobre uma certa ordem da mestiçagem e da malandragem. *RBCS*, n°29, outubro de 1995, p.49-64.
- SERRÃO, Joel. *A emigração portuguesa: sondagem histórica*. Lisboa: Livros Horizonte, 1982. 245p.
- THOMAZ, Omar Ribeiro. *Ecos do Atlântico Sul: representações sobre o terceiro império português*. (Tese de doutorado). São Paulo: USP, 1997.
- VIEIRA, Nelson H. *Brasil e Portugal: a imagem recíproca: o mito e a realidade na expressão literária*. Lisboa: Ministério da Educação. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1991, 256p.

#### *Filme citado*

Terra Estrangeira. 1995, 102 min.

Diretores: Walter Salles e Daniela Thomas

Roteiro: Walter Salles, Daniela Thomas e Marcos Bernstein

Fotografia: Walter Carvalho.

Distribuição: Rio Filme e Sagres Vídeo

**artigos**

